

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Artur Goulart Berger

**O FUTEBOL EM IJUÍ: UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES ENTRE A 'CIDADE' E O
ESPORTE CLUBE SÃO LUIZ**

Porto Alegre
2014

Artur Goulart Berger

**O FUTEBOL EM IJUÍ: UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES ENTRE A 'CIDADE' E O
ESPORTE CLUBE SÃO LUIZ**

Monografia submetida ao curso de Educação Física – Licenciatura da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado.

Orientador: Prof. Dr. Marco Paulo Stigger

Porto Alegre
2014

Artur Goulart Berger

**O FUTEBOL EM IJUÍ: UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES ENTRE A 'CIDADE' E O
ESPORTE CLUBE SÃO LUIZ**

Monografia submetida ao curso de Educação Física – Licenciatura da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado.

Aprovado em de..... de.....

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rogério da Cunha Voser – UFRGS

Orientador: Marco Paulo Stigger – UFRGS

RESUMO

O futebol é cada vez mais motivo de estudos na área sociológica. Muitos trabalhos analisam a presença do torcedor no estádio, a paixão e o pertencimento clubístico, as torcidas organizadas, entre outros temas. Porém, a grande maioria destes projetos se direcionam as grandes capitais do futebol nacional e as torcidas das maiores equipes do país. No entanto, o futebol, um dos elementos centrais da nossa cultura, é praticado em todo o Brasil. Manifestações de grande relevância acontecem a todo o momento, nas arquibancadas e nas ruas em inúmeras cidades onde o futebol é praticado. Assim, direciono este estudo para Ijuí, cidade do interior gaúcho onde o futebol tem grande importância para a comunidade. O presente estudo tem como objetivo, compreender como se manifesta e como é construída a relação entre os ijuienses, o Esporte Clube São Luiz e a cidade de Ijuí, respondendo também, como o ato torcer para o São Luiz consolida um sentimento de identidade com a cidade. Para encontrar estas respostas utilizei diferentes metodologias. Além de buscar auxílio na literatura, analisei documentos, jornais e sites, entrevistei pessoas e observei os jogos do clube do estádio 19 de Outubro. Desta maneira fui capaz de encontrar e descrever situações que mostram como estas relações acontecem, dando visibilidade a um futebol desconhecido por muitas pessoas: o futebol no interior. Neste local não são poucas as particularidades e manifestações importantes para melhor compreender o quanto um esporte pode representar para uma cidade e sua comunidade.

Palavras-chave: Futebol, Futebol no Interior, Torcedor, Identidade Social, Pertencimento.

ABSTRACT

Football is becoming a popular reason for studies in the sociological area. Many studies analyze the presence of peoples in stadium, the passion and the passion for one team. However these studies are made in big cities of Brazil, which has the best football clubs of the country, and its big crowd. But football, one important element of the national culture, is played in the whole country. Manifestations with big relevance happens all the time, in bleachers and in the streets of many cities where football is played. In this way, I do this work in Ijuí, inner city in the state of Rio Grande do Sul, where football is very important for the local community. This study has the objective to understand how is made and expressed the relation between the ijuienses, the Esporte Clube São Luiz and the city, also answering how the act of cheer for São Luiz consolidates a sense of identity with the city. To find these answers I used different methodologies. In addition, besides seeking assistance in literature, I analyzed documents, sites and newspapers. People were interviewed, and I watched some matches in stadium 19 de Outubro. This way, I was able to find and describe some situations that shows how these relations occur, giving visibility to unknown football to many people: football in small cities. In this place has particularities and important expressions related to football that help us to a better understanding of how much one sport can represent to one city and its community .

Keywords: Football, Football in Small Towns, Soccer Fans, Social Identity, Belonging.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Matéria no Site do Globo Esporte22
Figura 2 - São Luiz x Grêmio (31 jan. 2013)	23
Figura 3 – Estádio 19 de Outubro	24
Figura 4 - Torcida do São Luiz na Arena Grêmio em 22 abr. 2013	28
Figura 5 - Faixa contra o racismo	29
Figura 6 - Zangão, o mascote do São Luiz	31
Figura 7 - Paulo Baier (em destaque) participa de jogo beneficente em 13 dez. 2013	
Figura 8 - Torcida 'desuniformizada' no estádio	34
Figura 10 - Torcida	39
Figura 11 - Protesto no estádio em 6 abr. 2014	41

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	16
3 IJUÍ E O SÃO LUIZ: A CONSTITUIÇÃO DE UM SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO NA/COM A CIDADE	19
3.1 A FORMAÇÃO DO TORCEDOR	19
3.2 OS 'GIGANTES DA CAPITAL' EM IJUÍ	21
3.3 O ESTÁDIO	24
3.4 OS 'RUBROS' NA ARENA GRÊMIO	26
3.5 CASO DE RACISMO NO 19 DE OUTUBRO	28
3.6 MARKETING – AS CORES, O APELIDO E O MASCOTE	29
3.7 O CAMPEONATO GAÚCHO DE 2014: OBSERVAÇÕES NO ESTÁDIO E PELA CIDADE	31
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

Ijuí, município brasileiro do estado do Rio Grande do Sul (RS), localizado na região noroeste do RS, a 395 km da capital Porto Alegre, a cidade possui 78.461 habitantes (CENSO¹, 2010), sendo desta maneira, o terceiro mais populoso desta faixa do estado. Ijuí é o mais importante centro populacional da região. Sua economia é baseada no forte setor agropecuário, em seu comércio, indústrias e serviços de ensino qualificado, conferido por escolas da cidade e pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ) além de ser um polo regional na área da saúde, amparada por hospitais muito bem equipados, que dispensam auxílio integral à toda região.

Os ijuenses, em seus momentos de lazer, valorizam o convívio familiar e com amigos, favorecidos por fatores como o transporte, acessibilidade, proximidade que possibilitam esses encontros, diariamente, diferentemente do que acontece nas capitais e grandes cidades. A administração do município se esforça, constrói praças em diversos bairros e disponibiliza um complexo poliesportivo para a comunidade. Hoje, até mesmo skatistas tem espaço privilegiado para as suas manobras em uma das praças da cidade. Desde os anos 80, Ijuí conta com uma Coordenadoria de Desporto e Cultura, com o objetivo de promover as políticas municipais atinentes ao desporto e lazer comunitários, além de executar a conservação dos bens municipais próprios para as práticas do desporto e lazer. Anualmente são organizados campeonatos de futebol, futsal, futebol society, voleibol, basquetebol, ciclismo, corrida, em categorias que atendem de crianças até idosos.

Porém como em todo Rio Grande do Sul, o futebol é uma das principais formas de lazer. A cidade ainda permite, em alguns pontos, - onde as ruas asfaltadas e a enorme quantidade de veículos ainda não chegaram – que crianças joguem bola e brinquem nas ruas. Dentro das casas, a torcida pelos grandes times do RS, o Sport Club Internacional e o Grêmio Football Porto Alegrense, faz parte da vida dos ijuenses. Mas a história do futebol em/de Ijuí é muito rica.

Segundo relatos, apresentados no livro O Futebol em Ijuí, obra do jornalista Ademar Campos Bindé, a primeira bola de futebol chegou em Ijuhy (na época ainda

¹ Estudo estatístico demográfico referente a populações, realizado no ano de 2010.

escrito com “h” e “y”) entre o ano de 1905 e 1906. Os primeiros times surgiram no ano de 1907, formados por meninos de 10 a 12 anos, e logo imitados pelos mais novos. O futebol era praticado de forma rudimentar, formando-se equipes improvisadas por jogadores descalços e sem camisa, correndo por algum campinho² nos pátios das escolas ou nas vilas da cidade. Quando a bola não aparecia, era substituída por uma bexiga de boi, cheia de ar ou uma bola feita com uma meia cheia de panos, comenta o jornalista.

O futebol difundiu-se rapidamente, de modo a tornar-se o esporte mais popular entre os brasileiros. Capaz de despertar as maiores emoções, desde os limites das competições interioranas até os grandes clássicos e os campeonatos mundiais. Como forma de lazer, divertimento, competição ou profissionalmente, o futebol foi sendo assimilado, tornando-se parte importante da cultura nacional. Em Ijuí, o futebol começou a se organizar, tanto na cidade quanto no interior³. Surgiram, a partir de 1917 as primeiras equipes locais. Segundo Bindé (1988), o Gaúcho da Linha 8 Leste foi a primeira equipe da cidade, fundada em 4 de março de 1917. Com o tempo, outras equipes também foram criadas, como: o Esporte Clube São Luiz, o Força e Luz e o Esporte Clube São José, S.C. 19 de Outubro, S. C. Rio Grandense, Grêmio Football Ijuhyense, Juventude de Picada da Conceição, entre outras.

O campeonato amador – várzea - de futebol acontece desde década de 50. Em 1951 foi criada a Liga Ijuicense de Futebol, com a responsabilidade de organizar um campeonato local. Em 1960 foi realizado o primeiro torneio com equipes do interior, culminando em uma final disputada entre o campeão da cidade contra o campeão do interior. Alguns campeonatos rápidos também eram realizados em Ijuí, competições que duravam apenas um dia, movimentavam equipes de todas as localidades do município. Eventualmente, estes torneios reuniam até 40 times e segundo Bindé (1988) o evento, se transformava em uma “verdadeira festa esportiva”. Segundo Brum (1987, prefácio *apud* Bindé, 1988), os embates futebolísticos, com destaques para os clássicos regionais, eram acontecimentos sociais abrangentes nas primeiras décadas, envolvendo praticamente toda a comunidade.

² Espaço adaptado para a prática do futebol.

³ Interior: Zona rural, formada por distritos.

A grande movimentação da comunidade em torno do futebol – relação central deste estudo - é ilustrada por Bindé (1988, p. 23), quando comenta o crescimento do número de equipes na cidade, nos anos de 1916 e 1917:

Pode-se afirmar, sem medo de errar, que o futebol monopolizou as atenções da população da vila⁴, tornando-se num dos principais atrativos das tardes de domingo. Contam os antigos que o jogo de futebol tinha quase sempre um caráter festivo. Desde o centro da vila até o campo, seguiam em desfile uma banda de música, os torcedores e os jogadores. Como o futebol foi sempre uma disputa e um esporte que desperta paixões, não faltavam, às vezes, os desentendimentos, as brigas e discussões, que deslustravam o espetáculo até acabar a festa.

Assim surgiam e se manifestavam os primeiros torcedores. Seus sentimentos e comportamentos observados há quase 100 anos atrás ainda são realidade. Segundo Toledo (1996, p. 12):

O futebol no Brasil, mesmo ditado pela competição esportiva, está impregnado por um sentimento lúdico, do âmbito da festa e do entretenimento, mas também vivenciado cotidianamente, muitas vezes consubstanciando em um comportamento transgressor, desordem nas ruas.

O futebol inscreve-se na cidade através da torcida, suas emoções, preferências clubísticas, adesão a grupos, que traduzem a nível social determinadas regras, padrões de comportamento, que transcendem os limites das partidas e jogos em si (TOLEDO, 1996).

O envolvimento da torcida ijuiense, cresceu ainda mais, quando se iniciou o intercâmbio com as vilas vizinhas. É, segundo Bindé (1988), no ano de 1922 que se encontra o primeiro registro destas “missões esportivas”. O Grêmio Santo-angelense, de Santo Ângelo – cidade localizada a 45 km de Ijuí – veio para Ijuí, trazido por um “trem especial” e automóveis, tendo uma calorosa acolhida na cidade vizinha. A partir de então o intercâmbio tornou-se mais comum. Clubes de Cruz Alta, Passo Fundo, Tupanciretã, Palmeira das Missões, Carazinho, Panambi, passaram a se enfrentar em jogos “aqui e lá”. Desta forma, as rivalidades foram

⁴ Vila: Bairro da cidade.

crescendo e a torcida pelo seu time/sua cidade foi aumentando. Esta rivalidade regional se acentuou a partir dos anos 40.

Com o tempo, as peculiaridades das competições locais foram crescendo e mais de 80 equipes chegaram a participar em algumas edições. Com isso, alguns times passaram a se destacar, até mesmo nacionalmente. O maior exemplo do futebol amador ijuienses é a Sociedade Esportiva Ouro Verde, equipe responsável pela revelação de Dunga, capitão do tetra e atual treinador da Seleção Brasileira de Futebol. Foi uma das equipes mais bem organizadas do futebol amador ijuiense e a que mais conquistou títulos ao longo da história. Nos anos 50, o maior clássico municipal era disputado entre o Ouro Verde e o Esporte Clube São Luiz. Enquanto o Ouro Verde fez sucesso no âmbito amador, o São Luiz se profissionalizou e passou a jogar a segunda divisão do Campeonato Gaúcho. O São Luiz manteve-se no amadorismo até meados da década de 50. No início da década de 60, o clube ingressou na primeira divisão, destacando-se no futebol estadual.

Segundo Bindé (1988), o Esporte Clube São Luiz foi fundado no dia 20 de fevereiro de 1938, pelo professor Angelino Alves dos Santos, completou 76 anos de existência em 2014. Em uma escola noturna, localizada na Paróquia de Nossa senhora da Natividade, mais precisamente, no Salão São Luiz, a equipe foi criada, porém naquele momento ninguém previa que a modesta equipe estudantil viria a crescer e se constituir numa das maiores expressões do futebol de Ijuí e da região noroeste do RS. Jogando campeonatos amadores, o São Luiz foi acumulando conquistas importantes, como o de Campeão da Cidade, vice-campeão da Serra, entre outros. O clube manteve-se no amadorismo até 1952, quando passou a disputar a Segunda Divisão de Profissionais. Atualmente, o Campeonato Amador ainda acontece, porém, os olhares dos ijuienses e da região, estão direcionados para o Estádio 19 de Outubro e o Esporte Clube São Luiz, na disputa do Campeonato Gaúcho e a Copa do Brasil.

A cidade de Ijuí, a comunidade e suas manifestações relacionadas com o São Luiz são o objeto deste estudo. Muitos trabalhos sobre futebol, na área sociocultural, são realizados atualmente, abordando temas como: o significado social do futebol, o pertencimento clubístico e identidade social (DAMO, 2002), as torcidas organizadas (TOLEDO, 1996), violência entre torcedores (TOLEDO, 1996), racismo, entre outros.

Porém, estes se dedicam a analisar os grandes times e suas enormes torcidas. Damo (2002) analisa as torcidas do Internacional e do Grêmio. Toledo (1996), estuda as equipes do estado de São Paulo: Palmeiras, São Paulo, Corinthians, Santos, Ponte Preta e Guarani. Da Silva (2005) o trabalhou com o Vasco da Gama. Todas estas equipes disputam as Séries A e B do Campeonato Brasileiro. No entanto, o futebol se faz presente em todas as regiões do país, e com isso, proponho neste estudo um deslocamento dos estudos deste esporte, para o interior do Rio Grande do Sul, onde uma equipe sem protagonismo nacional e sua torcida, carregam nas suas relações sentimentos singulares no futebol brasileiro.

Através do Cadastro Nacional de Clubes de Futebol, publicado em 2009, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), informou que existem 783 clubes profissionais da modalidade em atividade. Destes, apenas 101 disputam o Campeonato Brasileiro das séries A, B, C e D. É para uma destas outras 682 equipes que direciono meu estudo. Assim, justifico a importância deste estudo, ao direcioná-lo para o interior do RS, busco nas relações entre a cidade, a torcida e seu clube do coração, singularidades desta região, que ilustrem o como o futebol se constitui em um grande elemento da cultura da região. Mesmo sem movimentar milhões de reais, sem lotar estádios em todos os jogos, sem a presença de grandes craques dentro das quatro linhas, o futebol, na imagem do E.C São Luiz, como elemento da cultura regional, envolve uma gama de sentimentos e manifestações que busco compreender e aqui apresentar.

Segundo Toledo (1996), o futebol consiste, para além de sua prática profissional ou fruição esportiva, em um fenômeno também da ordem do vivido e do falado, recriado pela mídia e pelas conversas cotidianas, nos bares, em casa, pelas ruas, enfim, sensibilizando e impregnando uma memória nacional. É sobre este futebol que tenho a intenção de discutir aqui.

Como em outros anos, singularidades do futebol em Ijuí, começam a se manifestar a partir da contratação do treinador. Em dezembro de 2013, os jornais estamparam em sua capa a notícia: “Beto Almeida é anunciado como técnico para 2014”. Esta informação serve para lembrar os ijuíenses, que os ‘meses de futebol’ estão para chegar. O São Luiz não mantém uma equipe de futebol durante o ano todo. Por questões financeiras, o clube se estrutura para o primeiro semestre do

ano, na disputa do Campeonato Gaúcho. Após seu término, os jogadores são liberados para outras equipes, restando aos ijuienses as lembranças e expectativas para ano seguinte.

A cada semana, jogadores vão sendo anunciados, os jornais passam a reservar mais páginas na sessão de esportes, as rádios alteram suas programações, dando maior atenção para cada nova informação e possível reforço para a equipe. Nas ruas, os comentários começam a aparecer. Desta forma, o futebol – que havia sido interrompido ao final do Campeonato Gaúcho - vai entrando novamente na vida dos ijuienses. São quatro ou cinco meses por ano que o São Luiz está na ativa. Em 2014, foram quatro amistosos, 17 jogos oficiais disputados pelo Campeonato Gaúcho e dois pela Copa do Brasil. Nos meses restantes, o São Luiz permanece ‘fechado’. O estádio ainda era utilizado para jogos e treinamentos das equipes de base, porém, no futebol profissional o time não existe. No entanto, durante o hiato do futebol na cidade, os ijuienses não deixam de acompanhar o esporte. Neste momento, direcionam sua torcida para uma das equipes da capital, Internacional e Grêmio.

A motivação para a realização deste estudo vem do crescimento da participação e manifestações que envolvem o futebol do São Luiz em Ijuí e região. O interesse pelo futebol na cidade cresceu com a campanha realizada em 2013. Desde 2005 a equipe disputa a primeira divisão do estadual, realizando campanhas fracas, sempre na busca pela fuga do rebaixamento. Porém, o clube, motivado pelos pedidos dos torcedores locais, buscou investimentos para construir uma equipe capaz de alcançar a parte de cima da tabela de classificação. O investimento surtiu efeito e o bom futebol apresentado trouxe vitórias. As vitórias colocaram o São Luiz em evidência, como nunca visto. Nas rádios e na televisão, não apenas nas emissoras locais o clube ijuiense era notícia, para orgulho de sua comunidade. A excelente campanha realizada pelo São Luiz trouxe para Ijuí eventos inéditos, como a final do Primeiro Turno do Campeonato Gaúcho contra o Internacional. As ótimas atuações do time trouxeram o Título do Interior de 2013, maior conquista da história do time. “A taça será atração na Praça da República” anunciava o jornal local após a conquista, motivo de orgulho para a comunidade. Por fim, o melhor ano da história

do São Luiz terminou com a confirmação da participação da equipe na Copa do Brasil de 2014, pela primeira vez em sua história.

As vitórias do São Luiz eram motivo de orgulho para os seus torcedores. Podia se observar, pelas manifestações das pessoas na cidade, no estádio, redes sociais, pelos jornais e rádios locais, que o este orgulho transcende as quatro linhas do gramado do Estádio 19 de Outubro, ultrapassa as arquibancadas e carregava muito mais significado que uma bola na rede ou uma vitória no Gaúcho⁵. A cada jogo, cada notícia transmitida estadual e até mesmo nacionalmente, colocava o São Luiz de Ijuí no mapa. Este envolvimento que é construído em Ijuí, em torno do São Luiz e de sua comunidade, é uma relação particular e passou a ser o tema central deste estudo. A principal manifestação da torcida é a identidade com a cidade. O time, principalmente quando vive um bom momento no campeonato, é motivo de orgulho para todos, pois as suas vitórias, colocam a cidade em evidência.

Damo (2002) comenta que torcer é o mesmo que pertencer, o que significa fazer parte, tomar partido, assumir riscos e vivenciar excitações agradáveis ou frustrações. No Campeonato Gaúcho de 2014, este pertencimento cresce. Ijuí é a cidade mais distante da capital Porto Alegre, em relação aos outros times participantes do torneio, motivo pelo qual são ouvidas – e comentadas pela cidade – reclamações de dirigentes e jogadores que querem “derrubar⁶” o São Luiz, para acabar com estas viagens longas.

A média de público no Estádio 19 de Outubro, no Campeonato Gaúcho de 2013, foi de 1.130 torcedores. Isso equivale a 1,45% da população da cidade. Em comparação com a torcida do Grêmio, no mesmo campeonato, 1% dos porto alegrenses estavam presentes nos jogos do seu time. Em Caxias do Sul, casa de outros dois gigantes do futebol gaúcho, o Caxias e o Juventude, a soma das médias do público nos estádios, equivale a 0,9% da população da cidade presente por jogo.⁷ Ou seja, nestes simples cálculos, ilustro, como o futebol no interior movimenta uma cidade. Proporcionalmente, pode-se dizer que o São Luiz levou ao estádio, mais

⁵ Modo popular de se referir ao Campeonato Gaúcho.

⁶ Verbo utilizado por torcedores, fazendo menção a um possível rebaixamento do clube para a Segunda Divisão.

⁷ Para realização deste cálculo foi utilizada a média de público nos estádios durante o Campeonato Gaúcho de 2013. Informação publicada no site globoesporte.com no dia 22 mar. 2013.

peçoas que o Grêmio em Porto Alegre⁸ ou Caxias e Juventude, somados, em Caxias do Sul.

Porém, não realizo este trabalho apenas com as manifestações dentro do estádio. Nas ruas, nas redes sociais e na mídia e na história da cidade, é possível encontrar comportamentos, atitudes e sentimentos que de alguma forma, fazem menção a esta relação com à cidade. Segundo Toledo (1996), com maior ou menor intensidade, significativa parcela da população vivência, de várias maneiras, o futebol. E complementa dizendo que torcer para um clube de futebol é participar da vida ativa social, construindo identidades que extrapolam o indivíduo, a casa, e a família. Vivencia-se concretamente o pertencimento na rua, no estado, em pleno domínio público (DAMO, 2002).

Um exemplo comum, acontece quando um ijuiense é questionado sobre sua equipe do coração a resposta é: “Eu sou do São Luiz, DE IJUÍ” (*grifo meu*). O nome da cidade acompanha o do time, automaticamente. Diferente de um torcedor do Internacional ou do Grêmio, até porque, grande parte de seus torcedores não nasceu, e não mora em Porto Alegre. Os torcedores do São Luiz, possuem e manifestam em suas ações, alguma raiz em Ijuí.

“O futebol une a nossa gente”, assim se inicia o hino do São Luiz, e desta relação, deste sentimento, se forma este estudo. Nele, busco compreender como se manifesta e como é construída a relação entre os ijuienses, o São Luiz e a cidade de Ijuí. Como torcer para o São Luiz consolida um sentimento de identidade com a cidade?

Este projeto acompanhou os acontecimentos do ano de 2014, quando o clube ijuiense irá disputou o Campeonato Gaúcho e a Copa do Brasil. Foram 15 jogos disputados no estadual (8 em Ijuí) e 1 pela Copa. O bom futebol apresentado por um time nunca é uma certeza, mas é certo que as manifestações entre Ijuí, à comunidade e o São Luiz trouxeram informações relevantes para a construção deste estudo.

⁸ O S.C Internacional estava com o seu estádio, o Beira Rio, em reforma para a Copa de Mundo de 2014. Assim, disputou seus jogos em Caxias do Sul e por isso excluído desta análise.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Na realização deste trabalho utilizei diferentes instrumentos metodológicos para ser capaz de responder às questões propostas. Para isso, fiz uso de ferramentas que se aproximam de uma etnografia, porém sem o tempo necessário e sem a realização de diários de campo, características desta metodologia. No entanto, usei da observação, conversas informais, entrevistas e análise de documentos, para encontrar as respostas aqui apresentadas.

No que se refere às observações, estive presente em nove jogos, no ano de 2014, entre amistosos e partidas do Campeonato Gaúcho. Nestas observações, deixei de lado o futebol que acontecia dentro das quatro linhas do gramado, passando a estar atento em tudo que acontecia ‘atrás’ do alambrado. Com olhos e ouvidos atentos, registrei desde simples comentários entre amigos até os xingamentos aos adversários. Na posição do antropólogo Vincenzo Padiglioni (1995 *apud* STIGGER, 2000, p. 54), justifica-se a utilização da investigação etnográfica, na perspectiva de centrar a atenção não apenas nos aspectos mais gerais do desporto, mas também nas expressões particulares deste elemento da cultura. Para estas observações em campo, fui munido de papel e caneta, bem como de máquina fotográfica, anotando todos os comentários e registrando momentos com relevância para este estudo. Nestas observações, assisti aos jogos em diferentes partes do estádio. Muitas vezes me deslocando de setor no intervalo de uma partida.

Após as primeiras investigações de campo, passei a ser capaz de ilustrar, através de uma série de comportamentos e manifestações observadas, a existência do sentimento objeto deste estudo. Segundo Durham (1986 *apud* STIGGER, 2000, p. 55), os comportamentos coletivos não são naturais, mas sim construídos socialmente. Estes sentimentos só fazem sentido pois não são identificados isoladamente. Se desconsiderar ou ignorar a existência da relação com a cidade de Ijuí, as manifestações observadas poderiam facilmente ser reduzidas a simples “coisas do futebol”. Para Stigger (2000), o comportamento de grupos culturais diferenciados, possuem significados e fazem sentido, porém para os decifrar, o investigador necessita de os identificar não isoladamente, mas como parte do sistema no qual estão inseridos.

Outra metodologia para buscar informações que utilizei foram as entrevistas. Através de conversas informais, coletei nas falas das pessoas, relatos de grande valor. Para a coleta destas informações, tive contato com nove pessoas, as quais não foram selecionadas de forma aleatória. Por ser um estudo qualitativo, privilegiei o diálogo com poucas pessoas, as quais selecionei por ter consciência da capacidade de trazer informações relevantes e de qualidade, levando em conta sua participação no futebol local. Utilizei então de ‘informantes privilegiados’ (BURGESS, 1997 apud STIGGER, 2000, p.66), que segundo Stigger (2000) são os integrantes de um grupo que tem mais a contribuir com as informações de que o autor necessita. Desta maneira foram escolhidos para participar deste trabalho: um ex-jogador e ex-treinador do clube; um jornalista de rádio local; um diretor de marketing do clube, um ex-atleta da base do clube, o coordenador de esportes do município e três sócios do clube.

Com estes, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, através de conversas informais não gravadas e por email. Como este trabalho tem objetivo de mostrar através de situações e relatos, como se consolida uma relação, tenta-se desvelar um universo cultural a partir da visão - e ações - dos seus integrantes. Com isso, não seria adequada a utilização de procedimentos que consistem em classificar e quantificar o material obtido a partir de categorias desenvolvidas *a priori*, os quais limitariam os universos de respostas dos informantes (THIOLLENT, 1987 apud STIGGER, 2000, p. 67). A base da entrevista foi padrão para todos os entrevistados. No entanto, perguntas específicas a posição de cada um, também foram realizadas.

As entrevistas semiestruturadas – ao darem liberdade ao entrevistado para explorar seu mundo cultural - visaram criar as condições para que ele colocasse à disposição do entrevistador aquelas informações que um instrumento fechado poderia censurar; a liberdade aqui referida está vinculada à profundidade da informação, face à existência de uma “relação entre o grau de liberdade deixado ao entrevistado e o nível de profundidade das informações que ele pode fornecer” (Michelat, 1987 apud Stigger 2000, p.67) A entrevista assume assim a característica de uma *conversa*, na perspectiva também apontada por Burgess (1997 apud STIGGER, 2000, p. 68)

Ainda utilizei da coleta e análise de documentos e notícias publicados pela mídia. Para estar atualizado ao dia-a-dia do clube, estive atento a programação

esportiva, bem como as notícias publicadas nos jornais e sites de notícias, no site do clube e no site globoesporte.com. As notícias publicadas com relevância a este trabalho, assim como os jornais datados neste período foram arquivados para análise posterior. Segundo Ludke (1986 *apud* BASTOS, 2009, p. 165) a análise documental pode ser constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema. Além de fonte de informações, as manifestações da mídia local, aqui também serviram para trazer situações relevantes a este estudo, que não foram possíveis de se observar 'ao vivo'.

3 IJUÍ E O SÃO LUIZ: A CONSTITUIÇÃO DE UM SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO NA/COM A CIDADE

Neste capítulo vou descrever como se constrói a relação de identidade entre os ijuienses e a sua cidade, através do futebol, na imagem do São Luiz. As manifestações aconteceram e foram observadas em diversas situações. No estádio 19 de Outubro, pelas ruas de Ijuí, nas rádios, nos jornais e nos sentimentos dos ijuienses, encontrei informações relevantes para responder a pergunta proposta por este estudo, as quais apresento abaixo:

3.1 A FORMAÇÃO DO TORCEDOR

O futebol no interior possui particularidades. Uma das principais é o fato de que em algumas destas cidades, que possuem clubes profissionais, os locais torcem para duas equipes: o time cidade e uma equipe da capital. Um dos motivos que favorece esta dupla relação com o futebol é o calendário das equipes do interior, que em sua maioria disputam apenas um campeonato no primeiro semestre e no restante do ano fecham suas portas. Resta aos gaúchos, apaixonados pelo esporte, acompanhar um dos gigantes de Porto Alegre.

Segundo Damo (2002, p. 12):

Quem gosta de futebol não apenas aprecia sua prática ou fruição, senão que o faz a partir de um referencial: o clube do coração. [...] a escolha do time é uma necessidade que se impõe, e essa opção trata-se de uma “profissão de fé”. [...] É uma decisão que mobiliza os laços de sociabilidade mais próximos e uma vez realizada, não pode ser alterada.

Para conseguir entender como a relação de identidade entre os ijuenses e a cidade de Ijuí se consolida, através do futebol, procurei compreender como surgem os adeptos do São Luiz. O ato de escolher o clube do coração está carregado de significados e conforme a citação acima, é uma obrigação para quem gosta de futebol. Da Silva (2005), autor que ao estudar a construção social da paixão, na torcida do Vasco da Gama, comenta que a escolha do time se dá preponderantemente por influência familiar. Também é destacado pelo mesmo, o fato de o Vasco ter sido fundado por portugueses e se consolidando como um clube representante da colônia lusitana no Rio de Janeiro atraiu muitos torcedores de mesma origem. Ou seja, influência familiar e origem, aparecem como as principais fontes utilizadas para esta escolha.

Entrevistando pessoas envolvidas com o futebol em Ijuí, perguntei sobre o clube do coração de cada um e como se deu esta escolha. A resposta inicial de todos foi: sou colorado/sou gremista⁹. As justificativas para esta decisão também possuem um denominador comum: a influência familiar. Alguns ainda lembraram-se das conquistas do time, Grêmio na década de 90 e Inter no fim dos anos 70 e a partir dos anos 2000, como fatores que reforçam a opção.

Provavelmente pela entrevistas terem sido realizadas durante o intervalo do futebol em Ijuí, o São Luiz foi lembrado por todos em segundo plano. Ao ser novamente questionado sobre o motivo da escolha, a resposta foi unânime: “é o time da minha cidade!”.

Segundo Silva (2005, p. 29-30):

Uma torcida não é só um grupo de pessoas que escolheu um time para torcer. O torcer para um clube contém especificidades que são relíquias da história cultural do homem, da torcida, do clube e da cidade.

⁹ Colorado: torcedor do Sport Club Internacional de Porto Alegre.
Gremista: torcedor do Grêmio FootBall Portoalegrense.

O mesmo autor ainda comenta que na torcida do Vasco, família e origem são fatores que se misturam, ficando difícil dizer se a escolha deu-se exclusivamente por um ou por outro. Já em Ijuí, estes fatores, também se apresentaram fundamentais para a decisão. No entanto, não se misturam como no Rio de Janeiro, mas claramente, se separam, criando um sentimento que se divide na torcida por duas equipes.

Justificando a torcida pelo time de Ijuí, outros comentários interessantes apareceram e também demonstram o sentimento de identidade com a cidade: “torço para o São Luiz por lazer, gosto de futebol. No estádio me reúno com meu pai, meu irmão e amigos”; “gosto de futebol e ter uma equipe no Gaúcho é estar na elite. Poder ver Caxias, Juventude, Brasil de Pelotas, Inter e Grêmio na tua cidade é um programa e tanto!”; “torço porque moro na cidade, se não morasse, talvez não torceria”.

Nota-se nas palavras dos torcedores, que o ato de torcer para o São Luiz, em momentos, deixa em segundo plano o sentimento de pertencimento clubístico e se transfere para a cidade. O lazer, como oportunidade de socialização com familiares e amigos, bem como o privilégio de assistir uma boa partida de futebol, foram destacados. Outros, ainda enxergam no São Luiz, uma forma de motivar os jovens à prática esportiva, destacando nela, a capacidade de formar um cidadão, como visto nas falas de um dos sócios do clube:

O futebol na cidade possibilita para vários jovens uma formação esportiva e potencialmente a transmissão de ideias e valores importantes para toda a vida. Eu lembro dos que jogavam no Gaúcho¹⁰, até onde sei, hoje todos são cidadãos de bem, pessoas honestas. Acredito que o futebol tenha sido importante pra mim, me sentia parte de um time.

Mais uma vez, o futebol ‘presta serviço’ à cidade e à comunidade. Desta maneira, começo a responder a questão deste estudo. Fica em evidência, após estes comentários, a preocupação existente com a cidade e seus cidadãos.

¹⁰ Campo da cidade, também conhecido como ‘Montanha’ em contraste com a ‘Baixada’. Local onde atualmente acontecem jogos do Campeonato Amador. No início dos anos 2000, existia uma escolinha de formação esportiva (CFE – Centro de Formação Esportiva), que recebia jovens de todas as classes sócias da cidade e como lembrou o entrevistado, os valores eram ensinados juntamente com o futebol.

A seguir apresento outros acontecimentos, situações e manifestações que ilustram como se consolidam estas relações.

3.2 Os “GIGANTES DA CAPITAL” EM IJUÍ

Uma vez por ano, os sentimentos citados acima são confrontados. O pertencimento clubístico, estimulado pela família, enfrenta a identidade com a cidade. A Federação Gaúcha de Futebol (FGF), organiza seu calendário de jogos e faz com que Inter ou Grêmio, jogue pelo menos uma vez em Ijuí. Nesta data, o evento movimenta toda a região noroeste do estado. Pessoas das cidades vizinhas vem a Ijuí para torcer pelos gigantes da capital. Momento no qual a torcida pelo São Luiz ganha força. Questionando os entrevistados quanto a quem direcionariam sua torcida no dia que seus dois clubes se enfrentam, a resposta surpreende: “Quando joga Grêmio contra o São Luiz, eu sempre torço pro São Luiz. Se o Grêmio ganha, não é grande coisa. São Luiz é um time menor, e uma vitória contra um grande têm um impacto muito maior para nossa cidade.” Outro torcedor comenta:

Sou Grêmio sempre, mas nesse caso, sou São Luiz. Até mesmo em uma final. A disparidade de forças entre os times faz com que a projeção do time pequeno seja maior. Um bom resultado pode trazer mais sócios pro clube, além de colocar a cidade em evidência.

Citando as palavras de Carlos Drummond de Andrade: “nunca se viu, que eu saiba, torcedor de um clube abandoná-lo em favor de outro” (ANDRADE *apud* DAMO, 2002, p. 11). Drummond está correto na sua afirmação. Neste dia o torcedor não abandonou o clube em favor de outro, mas por sua cidade. As justificativas não se referem aos três pontos da vitória, nem a ‘corneta’ com os amigos. O motivo que explica a opção é a identidade com a cidade.

Em 2013, na final da Taça Piratini, quando o São Luiz enfrentou o Internacional, em Ijuí, este debate foi motivo de matérias jornalísticas. O título e a manchete da matéria, publicada no site globoesporte.com, ajuda a ilustrar esta relação:

Figura 1 – Matéria no Site do Globo Esporte

09/03/2013 18h35 - Atualizado em 09/03/2013 18h45

Raízes do Interior falam mais alto e colorados de Ijuí elegem o São Luiz

Maioria das torcedores da região opta por apoiar time da casa na final da Taça Piratini, no próximo domingo

Fonte: globoesporte.com. Acesso em: 9 mar. 2014

Neste dia atípico, as 'raízes do interior' falam mais alto que o pertencimento clubístico. Os sentimentos desenvolvidos pela relação entre o São Luiz, seus torcedores e os cidadãos ijuíenses, transcende o jogo de futebol dentro das quatro linhas, fazendo com que este se torne um meio para a promoção da cidade e sua comunidade. Segundo Damo (2002), torcer é participar da vida ativa social, e as identidades construídas a partir disso extrapolam o indivíduo, a casa e a família.

No dia 31 de janeiro de 2013, o estádio 19 de Outubro foi 'pintado' de azul, preto e branco. O São Luiz recebia o Grêmio, pelo Campeonato Gaúcho. Nas arquibancadas a enorme quantidade de torcedores gremistas da região, superava o número de alvi-rubros ijuíenses. No entanto, estes em minoria representavam não apenas um clube, mas uma cidade: "É um orgulho pra mim, vestir a camisa do São Luiz quando o Grêmio vem para cá. O pessoal da região vem aqui fazer piada com o São Luiz. Muitos vão ao São Luiz quando entra em campo" (...) O futebol é algo que representa a cidade lá fora, e de alguma forma, une os cidadãos aqui dentro".

Figura 2 - São Luiz x Grêmio (31 jan. 2013)



Fonte: site ijui.com

Na partida comentada acima, para a decepção de todos, o Grêmio enviou sua 'equipe B', para o tão aguardado jogo em Ijuí. Para alegria dos ijuienses, o jogo terminou em goleada para o time da casa, 4 a 0. Antes do final do jogo, a torcida gremista já deixava o estádio para retornar para casa. Neste momento, os torcedores do São Luiz faziam piadas: "Apurem! Já tá partindo o ônibus para Cruz Alta!"; "Panambi, quem vai pra Panambi? Já tá na hora".

A piada também reforça a identidade com Ijuí e o orgulho por ter uma equipe na primeira divisão estadual. As cidades citadas, como Panambi e Cruz Alta, não possuem equipe de futebol na elite do Rio Grande do Sul. Ou seja, estes precisam vir para Ijuí para assistir a um bom jogo de futebol.

Outro fato comentado pelos entrevistados, também une os ijuienses. As críticas da imprensa da capital, bem como alguns jogadores em relação a distância até Ijuí, ao estádio acanhado e sua estrutura, ao gramado de má qualidade, reforçam o "patriotismo" ijuienses. Mesmo todos sabendo que as condições realmente não são boas, e constantemente questionadas pelos mesmo, não é permitido que 'outros' falem mal 'do que é nosso'.

3.3 O ESTÁDIO

Segundo Bindé (1988), desde sua fundação, em 1938, o São Luiz utilizou o campo do 19 de Outubro para mandar suas partidas. Localizado no centro da cidade, o estádio tem suas goleiras posicionadas paralelamente às ruas 21 de Abril e Venâncio Aires. Estas ruas são usadas como referência nas narrações das rádios locais durante a transmissão dos jogos para localizar o ouvinte que não está presente no jogo. O Estádio da Baixada, como é chamado pelos ijuienses, carrega a relação Ijuí em seu nome. A data que nomeia o estádio é o dia do aniversário da cidade.

Figura 3 – Estádio 19 de Outubro



Fonte: googlemaps.com

Durante todo segundo semestre do ano de 2013, o 19 de Outubro permanecia em silêncio. Nenhum dos 5,5 mil lugares disponíveis estava ocupado. Após a excelente campanha no Campeonato Gaúcho, a equipe encerrou suas atividades. Ficaram apenas as lembranças de uma temporada única e as grandes expectativas da comunidade para o ano seguinte.

Você já entrou, alguma vez, num estádio vazio? Experimente. Pare no meio do campo e escute. Não há nada menos vazio que um estádio vazio. Não há nada menos mudo que as arquibancadas sem ninguém. (GALEANO, 1995, p. 26)

Nas arquibancadas reinava o silêncio, ilustrado acima por Galeano. Porém, nas ruas da cidade o estádio foi motivo de debates. A construção de uma nova arena, com centro de treinamento, entrou em pauta. A pequena capacidade para receber torcedores nos jogos importantes, gera necessidade de se utilizar arquibancadas móveis, além do fato de ser um estádio antigo, necessitando reformas, motivaram essa discussão. Foi criado um projeto para que o novo estádio

fosse construído em um local 'fora' da cidade. Com isso, alguns torcedores manifestaram sua insatisfação com a nova proposta, quando questionados na entrevista. Acostumados com o mesmo ritual nos dias de jogo, caminhando até o estádio pelo mesmo caminho, estacionando o carro sempre no mesmo lugar, a cerveja no barzinho, onde sempre encontra conhecidos, simples ações que ao serem repetidas por diversos anos, constroem a identidade entre o torcedor e a cidade. Sentimento que é comprovado pelas manifestações contrárias quanto à construção de um estádio novo, porém em um local distante e sem significado.

Ao questionar algumas pessoas que costumam frequentar o 19 de Outubro, quanto a esta discussão, obtive respostas que reforçam, esta afirmação:

Um estádio sozinho lá? No meio do nada? Gosto do antigo, é perto de casa e estou acostumado a ir lá [...] não me importo com o conforto, não acho necessário um estádio novo. O 19 de Outubro nunca lota, nunca vi gente ficar de fora do jogo [...] Existe uma relação afetiva e histórica com o estádio, assim como eu tinha com o Olímpico¹¹, que frequentei quando era jovem.

No 19 de Outubro é possível assistir ao jogo em diversos locais. Nas Cadeiras, espaço reservado para sócios, que compram seu lugar no estádio e assim possuem uma cadeira marcada. Estes pagam a mensalidade o ano inteiro, mesmo com o São Luiz fechado. Abaixo das cadeiras está o Pavilhão Social, local coberto, onde não existem acentos nem lugar marcado. A torcida senta no concreto. No Gauchão de 2014, o preço normal dos ingressos para este local foi de R\$35. Do outro lado, na Arquibancada Geral, onde o ingresso é mais barato, R\$25, não existe cobertura e também é feita de concreto. Na Geral é onde se localiza a Torcida Organizada Fanáticos da Geral. Quem compra ingresso para este espaço, também pode assistir o jogo atrás do 'gol da Rua Venâncio Aires', onde não possui arquibancada e os torcedores ficam em pé, junto a grade. Em baixo do Pavilhão também se posicionam torcedores em pé em toda a linha lateral do gramado. Há ainda aqueles que preferem ficar na Copa, que dispõe de bebidas e cachorro quente.

¹¹ Antigo estádio do Grêmio.

Por mais que o estádio não seja novo, moderno, confortável, nem bonito, os torcedores parecem acomodados neste local. Nas observações realizadas durante o Campeonato Gaúcho de 2014, reparei que muitas pessoas, por conhecer o espaço e seus problemas, já vem prevenidas. Não são poucos que vão ao estádio levando almofadas, pilha de jornais e até mesmo pequenos tapetes para sentar-se de forma mais confortável. Quem assiste ao jogo na Geral, convive com dois possíveis incômodos para assistir o jogo. O sol e a chuva. Principalmente nos jogos das 16 horas, o sol se torna um empecilho para a visão. Vários torcedores já vão prevenidos com um boné enquanto outros improvisam com folhas de jornais, camiseta ou simplesmente com as mãos. Estes são carinhosamente chamados de 'turma do sol'. Nos dias de chuva, abrem-se as portas do acesso ao Pavilhão, e todos podem assistir à partida protegidos pela cobertura.

3.4 OS 'RUBROS' NA ARENA GRÊMIO

No dia 22 de abril de 2013, acompanhei a excursão dos torcedores ijuienses para Porto Alegre. A equipe enfrentaria o Grêmio, em sua nova Arena, pelas quartas de final da Taça Farroupilha¹². A Arena Grêmio, havia sido inaugurada no final do ano anterior e é um dos estádios mais modernos do país. Ao chegar no estádio, passar por revista minuciosa dos policiais, subir 8 lances de escada, sendo orientado a cada andar por duas pessoas, responsáveis por indicar o caminho e manter a ordem. Chegar na arquibancada superior, espaço destinado à torcida visitante, foi um choque para alguns torcedores, que nunca frequentaram outros estádios além do 19 de Outubro. Aos poucos, foram posicionando as faixas e se acomodando nas cadeiras. Cansados da viagem, que durou cerca de seis horas, alguns sentaram e 'espicharam' as pernas, posicionando os pés na cadeira a sua frente. Não demorou para aparecer um dos inúmeros seguranças para pedir que retirasse o pé da cadeira. Outro torcedor tirou a camisa da viagem para colocar o uniforme do São Luiz. Logo foi advertido por outro segurança: "não se pode tirar a camisa na Arena". Quando alguém entrava no banheiro, era acompanhado por um

¹² Nome dado ao primeiro turno do Campeonato Gaúcho, onde o vencedor enfrenta o ganhador da Taça Farroupilha, o segundo turno.

segurança. Se alguém se dirigia perto das grades de segurança na parte mais baixa da arquibancada, também era advertido. Ao estranhar essas novas regras, um torcedor comentou: “Sou mais o nosso 19 de Outubro!”.

Aos que assistiram ao jogo em Porto Alegre, pode-se dizer que sentiram saudade de casa. O sol, a chuva e o concreto, pareciam agradáveis em comparação aos seguranças da Arena. No momento em que um estádio antigo como o da Baixada se torna mais confortável que uma Arena, recém inaugurada, busco em alguns autores sustentação para explicar tal sentimento: segundo Damo (2002) “ter estádio próprio é como ter casa própria”.

Figura 4 - Torcida do São Luiz na Arena Grêmio em 22 abr. 2013



Fonte: Artur Berger

3.5 CASO DE RACISMO NO 19 DE OUTUBRO

Na semi-final do Campeonato Gaúcho de 2013, o São Luiz enfrentou o Caxias, no estádio 19 de Outubro. O confronto vencido pelo time da casa por 2 a 1,

não terminou após o apito final. Na súmula, o árbitro Jean Pierre de Lima, relatou uma denúncia de um jogador do Caxias, indicando ofensas racistas vindas da torcida ijuíenses, ao disputar uma bola próxima ao alambrado.

Após isso, a mídia relatou o acontecimento, para vergonha da comunidade local. O presidente do clube, em entrevista ao programa televisivo, Globo Esporte, apresentado pela RBS, justificou o acontecido dizendo:

A torcida do São Luiz não é racista, tanto é que a nossa cidade aqui, é uma cidade que tem a festa das culturas diversificadas, nos temos pessoas de todas as etnias na cidade, justamente por abraçar as mais variadas as raças, é um fato isolado que o São Luiz não compactua e se sente ofendido juntamente com o jogador.

Uma das torcidas organizadas do São Luiz, também fez questão de defender sua cidade e comunidade. Na final, jogo também acontecido em Ijuí, contra o Internacional, transmitido pela televisão para todo o Brasil, os torcedores fizeram uma grande faixa, com os seguintes dizeres: “Ijuí, terra de raça, não de racismo”.

Nota-se tanto na fala do presidente, quanto na ação da torcida, que a identidade com Ijuí está presente. O medo da repercussão do ocorrido, pela mídia, motivou a defesa feita por sua comunidade, a fim de proteger o nome do município.

Figura 5 - Faixa contra o racismo



Fonte: site ijui.com

3.6 MARKETING – AS CORES, O APELIDO E O MASCOTE

Como mencionado anteriormente, os torcedores do São Luiz, se dividem em gremistas e colorados. Nos últimos anos, algumas ações do marketing do clube chamaram a atenção. Classicamente, equipes que usam a cor vermelha, classicamente são chamadas de ‘colorados’. Tal denominação causava incômodo, nos torcedores do São Luiz que simpatizam com o Grêmio. Com isso, uma iniciativa da equipe responsável pelo marketing, propôs e estimulou que o time passasse a ser tratado como ‘rubro’. As rádios locais, com o tempo foram substituindo o adjetivo, e utilizando cada vez mais o ‘rubro da baixada’, para denominar o clube local. A torcida organizada, responsável pelos cantos no estádio, também logo adotou o pedido, incluído o apelido nas suas músicas: “Eu sou rubro, é só olhar pra ver que eu sou rubro, a baixada é o meu domínio, vamos sempre vencer!” (Adaptação da letra da canção “Eu sou do sul da conjunto Os Serranos). “Vamos vamos rubro! vamos vamos rubro!”.

Outra ação do marketing foi a mudança das cores do uniforme. Tradicionalmente o São Luiz vestia as cores vermelho e branco, o que também causava incômodo em alguns gremistas que se recusavam a vestir o vermelho do rival, Internacional. Assim, desde 2013, a equipe ijuienses inverteu a predominância das cores. Agora o branco prevalece enquanto o vermelho apenas preenche detalhes. Foram criadas camisas em cores alternativas também. Na cor preto, dourado, salmão e até mesmo azul, os novos uniformes receberam boa aceitação.

Sabendo dessas informações, fui em busca de esclarecimentos por parte da equipe de marketing do São Luiz, quanto aos motivos destas propostas. A resposta do diretor foi de que era necessário dar uma nova identidade ao São Luiz, alcançando mais torcedores e se identificando como o time da cidade:

Buscamos a simpatia de torcedores de outras agremiações, em outras palavras, não nos importamos em “ser o outro”, desde que este público consuma produtos do São Luiz e se associe, ou seja, gere receita. Uma dos maiores entraves era justamente o apelido ‘colorado’ da baixada, entendemos que colorado só existe um no Brasil e não é o São Luiz, com

isso passamos a adotar o 'rubro'. Agora no Rio Grande do Sul existe apenas um 'colorado' e um 'rubro'.

A justificativa para as cores dos novos uniformes também chama a atenção por fazer referência a cidade de Ijuí. Segundo o diretor, a cor preta foi escolhida para representar a 'nossa terra', enquanto o na cor dourada, 'nossa soja'¹³.

Outra ação do marketing pode ser observada no início de todos o jogos no 19 de Outubro. O mascote do clube, em tamanho humano, acena para a torcida, brinca com as crianças e anima o estádio. É o zangão, símbolo escolhido para representar o clube. Mais uma vez a relação com Ijuí está presente. A cidade é conhecida pela alcunha de 'Colmeia do Trabalho', pela valorização da dedicação de sua comunidade, que em conjunto, favorece o crescimento de sua cidade, da mesma maneira que abelhas e zangões em uma colmeia.

Os símbolos adotados pelas torcidas, são incorporados de diversos modos, sem seguir um padrão, podendo representar e enfatizar origens sociais ou valores morais que permeiam a sociedade, [...] remeter a localidades geográficas, ao *ethos* de um determinado lugar, às cores, aos estereótipos sociais e étnicos, qualidades e virtudes atribuídas aos seres da natureza, animais, santos... (TOLEDO, 1996, p. 54)

Figura 6 - Zangão, o mascote do São Luiz



Foto: site ijui.com

¹³ Semente muito cultivada na região.

3.7 O CAMPEONATO GAÚCHO DE 2014: OBSERVAÇÕES NO ESTÁDIO E PELA CIDADE

Apesar de todas as singularidades do futebol no interior, e das particularidades do esporte na cidade, já mencionadas até aqui, o ato de torcer pelo São Luiz de Ijuí, também apresenta todos os comportamentos comuns do torcedor. Segundo Jahnecka (2013) para os frequentadores dos estádios, torcer pode ser: xingar, entoar cantos, bater palmas, gritar, soltar foguetes, movimentar bandeiras, balões, camisetas ou vestimentas das cores do clube. Na cidade, os jogadores do rubro entram em campo, recepcionados por um ‘foguetório’, ao mesmo tempo, papel picado voa das mãos dos Fanáticos da Geral, o torcedor aplaude em pé, com um sorriso estampado no rosto, o jogo vai começar. É o ritual comum do futebol, todos querem vitórias, sonham com títulos, gritam quando um gol é marcado, vão quando os jogadores erram e protestam na má fase. Observei e analisei esses comportamentos e manifestações durante o Campeonato Gaúcho de 2014, no estádio 19 de Outubro e pela cidade, pois segundo Damo (2002), nas pesquisas sobre futebol, os ‘informantes’ estão em todos os lugares. Nas respostas obtidas, que apresento a seguir, ilustro como os sentimentos que motivam estas manifestações consolidam uma relação de pertencimento com a cidade de Ijuí. Os acontecimentos que relatarei na sequência seguem em ordem cronológica.

Antes do início do Campeonato Gaúcho, a equipe realizou alguns amistosos. Ainda no final do ano de 2013, aconteceu o primeiro amistoso do novo time para a temporada 2014. No dia 19 de dezembro, uma quinta-feira, a equipe do São Luiz enfrentou o Passo Fundo, único clube da primeira divisão estadual localizada na mesma região do RS. O público para a partida foi bom, ainda efeito da campanha do ano passado, somada com a curiosidade quanto aos novos jogadores e a nova equipe recém formada.

O que marcou esta partida foi a homenagem ao ijuiense Paulo Baier. O jogador que havia disputado o Campeonato Brasileiro pela equipe do Atlético Paranaense, se fez presente e foi ovacionado pela torcida local. Nascido em Ijuí, Paulo Baier, jogou na equipe júnior entre 1994 e 1997, período no qual chegou a morar nos alojamentos do 19 de Outubro. Mesmo vestindo poucas vezes a camisa

do São Luiz profissionalmente, Paulo Baier é ídolo em Ijuí, como comprovaram os aplausos e gritos em sua homenagem antes do amistoso. O sucesso do jogador no futebol nacional fez com que o nome de Ijuí fosse levado com ele, motivo de orgulho para a comunidade. Nas arquibancadas os torcedores comentavam e sonhavam com a possibilidade do jogador possa encerrar sua carreira em Ijuí.

Baier, em suas férias em Ijuí, atendeu a imprensa, encontrou-se com amigos, participou de eventos e jogos beneficentes com arrecadação de alimentos para instituições da cidade. Essas atitudes são o que tornam o jogador um ídolo local. Baier não foi homenageado e aplaudido apenas pelas suas atuações e gols pelo São Luiz, mas também por ser um ijuicense, que respeita, valoriza e carrega o nome da sua cidade por todo o Brasil.

Figura 7 - Paulo Baier (em destaque) participa de jogo beneficente em 13 dez. 2013



Fonte: ijui.com

No dia 18 de janeiro, a equipe ijuenses estreou em Porto Alegre, contra o Internacional e foi derrotado. Na sequência, recebia em Ijuí a equipe do Juventude. “Querem ‘nos’ derrubar!” Reclamavam os torcedores pelas ruas da cidade. Se referindo a sequência difícil de jogos que o São Luiz tinha no início do campeonato.

Lembrando das reclamações constantes dos times da capital em ter que jogar em Ijuí. O sentimento era de que a Federação Gaúcha de Futebol, responsável por

organizar o calendário de jogos, estivesse dificultando a vida do São Luiz, para levar o time ao rebaixamento. Fato que reforça o pertencimento com a cidade e a rivalidade com a capital. Essa disputa representa muito mais do que o título no campeonato. Permanecer na primeira divisão significa que no ano seguinte, o futebol acontecerá novamente em Ijuí, no alto nível da primeira divisão. É o lazer dos ijuenses e o reconhecimento da cidade que está em jogo. A região possui diversos times na segunda divisão, e um rebaixamento é um passo para trás para o futebol de Ijuí, se equivalendo a Panambi, Santo Ângelo, Frederico Westphalen e outras cidades que seus times disputam a 'segundona'¹⁴.

O início do campeonato Gaúcho foi complicado para o São Luiz. Até a sexta rodada, o time conquistou apenas dois pontos, acumulando quatro derrotas e dois empates. O público nos jogos diminuiu em relação ao ano anterior. A média de torcedores no estádio caiu de 1.302 (2013) para 593 (2014). Apesar de o pertencimento clubístico não ser a principal manifestação dos ijuenses quando se relacionam com o São Luiz, os resultados e o bom futebol são para muitos, a motivação para ir aos jogos. Porém, mesmo jogando muito mal, com apenas dois gols marcados nos primeiros seis jogos e com o risco do rebaixamento cada vez mais presente, mais de 500 torcedores estavam sempre presentes nos jogos.

No dia 5 de fevereiro de 2014, pela sexta rodada, o São Luiz enfrentou a equipe do São José, no estádio da baixada. O jogo foi disputado às 20 horas e 30 minutos, para não coincidir com os jogos da dupla GreNal. Em jogos no mesmo horário, muitas pessoas optam por ficar em casa e acompanhar seu time de Porto Alegre pela televisão. Sabendo isso, o clube procura mandar seus jogos em horários alternativos a estes eventos. Para esta partida, a direção baixou o valor dos ingressos e nas entrevistas para as rádios locais, 'pedia ajuda' a comunidade, para superar a má fase. Nesta noite, a direção do clube em solidariedade ao do Lar da Criança¹⁵, levou vinte crianças para assistir a partida. Atitudes que ilustram como o direção do clube tem consciência do que o futebol representa para sua comunidade.

¹⁴ Divisão de acesso do campeonato Gaúcho.

¹⁵ O Lar da Criança Henrique Liebich é uma entidade que presta atendimento a *crianças* e adolescentes em regime de acolhimento institucional.

Ainda na partida do dia 5, observei as formas de manifestação da torcida no estádio, e percebi que existem muitos jeitos de torcer. No entanto, os atos observados possuem algo em comum: estão sempre carregados do sentimento de pertencimento com a cidade. O que observei inicialmente foi a vestimenta dos torcedores. Apesar de crescer a venda de camisetas do clube, nota-se que muitas pessoas não utilizam o uniforme, nem mesmo as cores do clube. Fato que já distancia o pertencimento clubístico e fanatismo pelo clube, que tem na utilização das cores e símbolos, uma das suas principais marcas (TOLEDO, 1996).



Figura 8 - Torcida “desuniformizada” no estádio
Fonte: Artur Berger

Outra forma de manifestação das torcidas de futebol, e talvez a principal delas, são os cantos. Segundo Toledo (1996), os cantos podem ser satíricos, jocosos, ofensivos, grotescos, criativos, e traduzem uma série de visões do outro, expressas nesses padrões de comportamentos verbal típico entre torcedores de futebol. Os torcedores do São Luiz (com exceção da torcida organizada) não costumam cantar. O único momento em que se vê alguma manifestação conjunta

dos torcedores acontece apenas quando um bom futebol é apresentado de forma a motivar estas ações. Nestes momentos a torcida grita, acompanhada por palmas o coro: São Luiz! São Luiz! São Luiz!

Ex-jogador do clube, comenta:

Aqui a torcida vibra apenas nos momentos dos gols do time da casa. Na maioria do tempo permanece calma e paciente assistindo a partida. Alguns torcedores se excedem e ficam no alambrado xingando os bandeirinhas e os jogadores dos times adversários. Um fato atípico foi observado em 2010 quando eu era supervisor, e o time fez uma boa campanha no primeiro turno, num jogo em que o São Luiz goleou uma equipe, a torcida fez uma *ôla* no estádio, foi um dia especial.

Os “xingamentos” e brincadeiras são muito comum e observei em todos os jogos que estive. Para Damo (1999), essas manifestações não podem ser reduzidas a simples ‘coisas do futebol’. O que chama a atenção é o fato de muitas destas brincadeiras fazem menção a cidade de Ijuí. Toledo (1996) diz que os duelos verbais travados entre torcedores devem ser compreendidos dentro de uma trama de ritual de significados simbólicos.

Muitas dos gritos, brincadeiras e xingamentos que ouvi, só fui capaz de compreender o que significavam, por ser ijuicense, conhecer a história da cidade, do São Luiz, jogadores que passaram pelo time, etc. Sem estes conhecimentos nada faria o menor sentido. Ao ouvir a brincadeira, e conseguir assimilá-la, se reforça o sentimento de pertencimento com a cidade. O futebol permite que ao se envolver com um grupo de pessoas, mesmo que desconhecidas pessoalmente, se tenha algo em comum – além da torcida pelo São Luiz - e que as aproxima.

Acompanhei a partida contra o São José, equipe de Porto Alegre, atrás do gol. Local onde mais se escutam brincadeiras, devido a proximidade com o campo e em um dos tempos, do goleiro da equipe adversária. Quem se dirige a este local do estádio, vai para se divertir com isso. Após o São Luiz sofrer um gol, e estar fazendo uma péssima partida, um dos torcedores neste local comentou em voz alta: “Ainda bem que eu só venho pela ‘corneta’¹⁶!”; “É melhor estar aqui do que vendo o BBB!”¹⁷.

¹⁶ Brincadeira, provocação bem humorada, muito comum entre torcidas e amigos de times rivais.

¹⁷ Programa de televisão apresentado pela Rede Globo.

Ou seja, o resultado do jogo fica em segundo plano, o jogo ruim e a derrota viram motivo de brincadeira. O lazer daqueles torcedores não depende apenas do bom futebol acontecer. Neste mesmo local, se posiciona uma torcida organizada. Uniformizados e carregando uma faixa com seu nome, chegaram com o jogo já em andamento. Não possuem cantos como a maioria das organizadas. Assistem ao jogo em pé, atrás do 'gol da Venâncio', posicionados entre a copa¹⁸ e a goleira e se manifestam com brincadeiras e xingamentos aos jogadores adversários. Muitos desses xingamentos e brincadeiras também possuem grande relação com a cidade.

Em um momento do jogo, o goleiro adversário, organizando sua defesa, gritou: "Atenção com o volante! Cuida o volante!". Porém, na sua fala, o sotaque da capital, onde o 'E' no final da palavra é pouco acentuado, soando como 'I'. Os ijuenses, acostumados em utilizar o 'E' com força no final das palavras, prontamente estranharam e corrigiram o goleiro: "Fala direito! Aqui se diz volantE!" (*grifo meu*) A simples brincadeira do torcedor mostra como a identidade com Ijuí se manifesta.

No início do segundo tempo, as luzes do estádio se apagaram e o jogo ficou paralisado por cerca de 20 minutos, tempo suficiente para as brincadeiras dos torcedores se manifestarem. "Chama o Pedro (nome fictício), chama o Pedro, ele sobe no poste e conserta rapidinho isso aí!", brincavam os torcedores, mencionando um eletricista, conhecido do pessoal e que estava presente no estádio. Todos na volta sorriem e brincam com o torcedor.

As brincadeiras mencionam trabalhadores da cidade, figuras conhecidas nos seus empregos, atividades de lazer, etc. É algo diferente do que normalmente se ouve nos estádios dos grandes clubes. É simplesmente uma brincadeira entre amigos, onde participam todos que estão presentes naquele espaço. Naquele momento o São Luiz perdia o jogo por 1 a 0, e o estádio não tinha luz. Mesmo assim, o bom humor dos torcedores prevalecia, mostrando que aquelas brincadeiras e aqueles momentos proporcionados pelo futebol, são importantes e significativos para aquelas pessoas. Ao sorrir, o torcedor comprova que a brincadeira do outro fez sentido. Por fazer sentido, reforça o seu pertencimento com aquele grupo. Ele só entendeu aquela brincadeira, pois faz parte de algo maior, faz parte de uma cidade,

¹⁸ Local do estádio onde é vendido cachorro quente, refrigerante e cerveja.

conhece pessoas, vive o futebol local e por isso, foi capaz de sorrir naquele momento.

Os resultados ruins continuaram até o final do primeiro turno. A primeira vitória veio apenas na última rodada do primeiro turno. Jogando em casa contra a equipe do Esportivo, de Bento Gonçalves, a equipe da casa venceu por 3 a 0. Nem a boa vitória foi capaz de espantar o medo do rebaixamento, que crescia a cada rodada. “Será que na ‘segundona’ a mensalidade é menor?”, brincava o torcedor no estádio. “Ano que vem vamos ter que jogar em Santo Ângelo e Panambi”, lamentava outro.

Este último comentário se referia às cidades vizinhas que possuem clubes profissionais. E no futebol, são consideradas, ‘inferiores’ a equipe de Ijuí, e seus cidadãos precisam ir para Ijuí assistir bons jogos.

Dia 27 de fevereiro o São Luiz recebeu o Caxias, equipe de Caxias do Sul, cidade da serra gaúcha. Neste momento, o objetivo do clube já estava traçado: fugir do rebaixamento. Acompanhei esta partida na arquibancada geral do 19 de Outubro, me localizando próximo a outra torcida organizada. Uniformizados, possuem diversas músicas e as entoam com empolgação. Conduzidos pela charanga apoiam o tempo inteiro. Suas músicas se referem ao clube como ‘rubro da baixada’.

Figura 10



Fonte: site ijui.com

Quando um atleta da equipe adversária precisou ser atendido pelo médico, um torcedor gritou: “Doutor, o senhor não sabe nada de medicina, médico bom mesmo é o Dr. Paulo (nome fictício), tu não sabe nada!” Todos torcedores na volta dão risada, pois sabem de quem se está falando. Dr. Paulo (nome fictício) é um antigo médico da cidade, que trabalha nos jogos do São Luiz e é conhecido por todos. Mais uma manifestação que só faz sentido para quem conhece Ijuí e sua comunidade.

Mais uma vez o São Luiz foi derrotado. O time ijuienses caminhava a passos largos para o rebaixamento. Após o fim do jogo, dois torcedores conversavam e um disse para o outro: “Eu gosto disso, venho porque adoro isso aqui!” Justificando sua presença no estádio, mesmo com mais uma derrota.

Nota-se como o pertencimento clubístico e o fanatismo não é o principal motivo que leva os torcedores ao estádio. A frase citada anteriormente mostra claramente o futebol como uma opção de lazer. O ‘drama’, criado pelas possibilidades de resultados, serve como atrativo e motivação para comparecer ao estádio.

Uma das únicas alegrias do torcedor ijuiense no ano de 2014 veio no jogo contra o Grêmio, em Ijuí. O empate em 2 a 2, conquistado no final do jogo, animou a cidade e a torcida ijuienses brincava com os gremistas presentes no estádio, dizendo: “Aqui vocês não ganham nunca!”, lembrando dos últimos anos que o Grêmio veio para Ijuí e não venceu.

Após a goleada por 4 a 1 sofrida diante a equipe do Passo Fundo, no dia 5 de março, a torcida, recebeu o ônibus da equipe no estádio com protestos. Na madrugada do dia 6, a rua que dá acesso ao pavilhão social do estádio foi pichada com os seguintes dizeres: “Tristeza”, “Parasitas”, “Respeito a Ijuí”.

Figura 11 - Protesto no estádio em 6 abr. 2014



Fonte: desconhecida.

Nota-se a identidade com Ijuí, até mesmo nos momentos de protesto. A equipe formada por jogadores de outras cidades e estados, não demonstrou a raça e a dedicação exigida pelos torcedores. Os resultados ruins, motivaram a comparação destes com 'parasitas', organismos que vivem retirando dos outros os meios para sua sobrevivência. Nesta comparação, os 'jogadores parasitas' estavam se aproveitando de Ijuí, sem dar nada em troca. A exigência por maior respeito com a cidade também comprova a relação que é objeto deste estudo. Não é em respeito a torcida que canta, nem ao presidente e aos dirigentes que os contrataram e pagam seus salários, mas sim, a uma cidade e sua comunidade apaixonada pelo futebol. Ao final do campeonato, o São Luiz acabou sendo rebaixado para a segunda divisão do Campeonato Gaúcho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentei nas páginas anteriores, um pouco da realidade do futebol em Ijuí. As singularidades envolvendo a relação entre uma comunidade e o futebol em uma região distante das grandes capitais do futebol, locais onde a maioria dos estudos socioculturais envolvendo o futebol estão localizados. Inicialmente, considero muito importante destacar, que os fenômenos que aconteceram e acontecem em Ijuí, não acontecem somente aqui. A torcida por duas equipes e a identidade com a cidade são sentimentos que podem se repetir em outras cidades interioranas, no Rio Grande do Sul e em todo o Brasil.

Neste momento, acredito ser importante esclarecer também, que este estudo se tornou possível de ser realizado, devido ao fato de eu ser natural de Ijuí e acompanhar o futebol da cidade durante toda minha infância e juventude. Fui capaz de criar o objetivo deste projeto e encontrar suas respostas, por conhecer muito do que acontece em Ijuí. O período em que estive atento, observando jogos, pesquisando em jornais, ouvindo rádio e conversando com pessoas, serviram para que os momentos que relatei nos capítulos anteriores fossem encontrados, e por meio deles conseguir demonstrar como o sentimento de pertencimento e identidade se consolida. Ou seja, destaco a importância das minhas vivências prévias como facilitadores e motivadores deste estudo.

Outro fator importante para realização deste trabalho foi conhecer o futebol da capital, Porto Alegre. Como sócio do Internacional, acompanho desde 2010, praticamente todos os jogos realizados no estádio Beira Rio, além de alguns jogos no estádio Olímpico e na Arena Grêmio. Esta vivência me permitiu enxergar os contrastes e diferenças no ato de torcer para times do interior e da capital.

Acredito ter encontrado e apresentado em diversos momentos, situações que respondem ao objetivo proposto. Outro esclarecimento que considero importante de ser destacado aqui é o fato de a cidade possuir apenas um time profissional. Outros municípios do estado, como Pelotas, possuem uma comunidade igualmente, ou possivelmente até mais apaixonada por futebol. Porém a realidade e os sentimentos que se manifestam se tornam diferentes porque lá residem duas grandes equipes, o Brasil de Pelotas e o Pelotas. A rivalidade é algo que quase não falei em meu

trabalho, e em Pelotas, é algo indispensável para quem analisa o futebol naquela localidade. Ou seja, o São Luiz por ser o único time da cidade, reforça os sentimentos dos ijuienses.

Por fim, acredito ter trazido nestas páginas, respostas, com exemplos e momentos que traduzam ao leitor, um futebol diferente, suas relações e os sentimentos particulares de uma região distante das capitais do futebol. Apesar do final trágico dentro das quatro linhas, a paixão pelo esporte não diminui. Para 2015, resta aos ijuienses torcer pela reabilitação do clube e a volta a elite do estadual. Esperando que os bons resultados um dia proporcionem aos ijuienses o prazer e o privilégio de ter futebol o ano todo em sua cidade.

Finalizo este trabalho trazendo o hino do clube¹⁹, que carrega em sua letra, o sentimento e a relação entre a comunidade ijuiense e o São Luiz:

“O futebol une a nossa gente
Sempre na mesma emoção
Glorioso São Luiz
Clube do meu coração
Ijuí, terra das etnias
De um povo bravo e forte
Sempre lutando com raça
Pelo bem do nosso esporte”.

“Avante, São Luiz avante
Alvi-rubro guerreiro
A nossa torcida inflama
Este Rio Grande inteiro”.

“A terra vermelha matiza
Na cor do teu belo braço
É a valentia do nosso povo
Contagia o teu pavilhão
Nas águas divinas do Ijuí
Batizo a minha esperança

¹⁹ Autoria: Carlos Alberto Litti Dahmer e Antônio Olesiak.

De te ver glorioso São Luiz
Trilhando vitória e pujança”.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, Billy Graeff; STIGGER, Marco Paulo. O segredo do sucesso: apontamentos sobre a trajetória social de skatistas profissionais. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 163-186, jul./set. 2009.
- BINDÉ, Ademar Campos. **O Futebol em Ijuí**: documentário. 1988. Ijuí, Graf. Jornal da Manhã, 1988.
- DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social**: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L & PM, 1940.
- JAHNECKA, Luciano; RIGO, Luiz Carlos; SILVA, Meri Rosane Santos da. **Revista Brasileira de Ciência e Esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 195-210, jan./mar. 2013.
- SILVA, Silvio Ricardo da. A construção social da paixão no futebol: o caso do Vasco da Gama, *In*: DAOLIO, Jocimar. **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
- STIGGER, Marco Paulo. **Desporto, lazer e estilo de vida**: uma análise cultural a partir de práticas desportivas realizadas em espaços públicos da cidade do Porto. Porto: Universidade do Porto, 2000.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.